

UNIVERSIDADE FEDERAL MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU EM GRAMÁTICA DA
LÍNGUA PORTUGUESA: REFLEXÃO E ENSINO

CAROLINE OLIVEIRA DE AMORIM

NOÇÃO DE SUJEITO: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA NO ENSINO
FUNDAMENTAL II

Belo Horizonte

2023

CAROLINE OLIVEIRA DE AMORIM

**NOÇÃO DE SUJEITO: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA NO ENSINO
FUNDAMENTAL II**

Trabalho monográfico submetido ao Curso de Especialização em Gramática da Faculdade de Letras da UFMG, como requisito para obtenção do título de Especialista.

Orientador: Janayna Maria da Rocha
Carvalho

Coorientador: Lorenzo Texeira Vitral

Belo Horizonte

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GRAMÁTICA E ENSINO

ATA DA DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Nome do aluno: Caroline Oliveira de Amorim

Às 14:30 horas do dia 04 de abril de 2024, reuniu-se na Faculdade de Letras da UFMG a Comissão Examinadora indicada pela coordenação do Curso de Especialização em Gramática e Ensino: Teoria Gramatical e Abordagens Contemporâneas para julgar, em exame final, o trabalho intitulado **NOÇÃO DE SUJEITO: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA NO ENSINO FUNDAMENTAL II**, requisito final para obtenção do Grau de Especialista em Gramática e Ensino. Abrindo a sessão, a banca, após dar conhecimento aos presentes do teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passaram a palavra ao candidato para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença do candidato e do público para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

O(A) Prof(a). Maria Cândida Seabra indicou a aprovação do candidato;

O(A) Prof(a). Shirley Freitas indicou a aprovação do candidato;

Pelas indicações, o candidato foi considerado Aprovado.

Nota: 90

O resultado final foi comunicado publicamente ao candidato pela banca. Nada mais havendo a tratar, encerrou-se a sessão, da qual foi lavrada a presente ATA.



Documento assinado eletronicamente por **Lorenzo Teixeira Vitral**, Professor do Magistério Superior, em 10/04/2024, às 15:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

Documento assinado eletronicamente por **Maria Cândida Trindade Costa de Seabra**, Professora do Magistério Superior, em 10/04/2024, às 19:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me conceder condições para concluir este curso e a minha família por me dar forças para continuar sempre estudando. Aos professores do curso que me forneceram todas as bases necessárias para a realização deste trabalho, sou grata por ter desfrutado da oportunidade de aprender tantas lições com os excelentes mestres. Agradeço a toda a equipe da UFMG por oferecer todo apoio necessário, principalmente ao Gilmar, pessoa extremamente solícita e paciente. Quero expressar minha gratidão pela professora Janayna que me orientou nos primeiros passos deste trabalho. Agradeço também ao querido professor Lorenzo Vitral pelo tempo dedicado ao meu trabalho, pelo profissionalismo e por compartilhar preciosas lições.

“Enfim, para quem gosta de certezas e seguranças, tenho más notícias: a gramática não está pronta. Para quem gosta de desafios, tenho boas notícias: a gramática não está pronta. Um mundo de questões e problemas continua sem solução, à espera de novas ideias, novas análises, novas cabeças.”

(Perini, 2000)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo propor um alargamento sobre o conceito de sujeito para o ensino fundamental. Tendo em vista que os livros escolares replicam conceitos apregoados pela gramática tradicional e que essa, muitas vezes, tem o foco principal no ensino metalinguístico. Proporemos, neste trabalho, uma visão mais ampla do conceito de sujeito a fim de que sirva de base para um ensino mais reflexivo acerca dos conceitos gramaticais. Para tal finalidade, utilizaremos as ferramentas conceituais da Linguística sistêmico-funcional, pois se trata de uma teoria que, além de trabalhar com textos em situação de uso, também aborda aspectos do texto que extrapolam os limites da gramática tradicional. Por isso, neste estudo, privilegiaremos o uso de gêneros das mídias sociais, tais como: memes e posts de Instagram, pois são gêneros que, além de retratarem a maneira como utilizamos a língua em nosso dia a dia, também são gêneros profundamente conhecidos pelos alunos.

Palavras-chave: Sintaxe; sujeito; ensino; gramática; sistêmico-funcional

ABSTRACT

The present work aims to propose an expansion of the concept of subject for elementary education. Considering that school books replicate concepts proclaimed by traditional grammar and that the main focus is often on metalinguistic teaching, we provide in this work a broader view of the concept of subjectivity, so that it can serve as a basis for more comprehensive teaching reflective approach to grammatical concepts. For this purpose, we will use the conceptual tools of systemic-functional linguistics, as it is a theory that, in addition to working with texts in use, it also addresses aspects of the text that go beyond the limits of traditional grammar. Therefore, in this study we will prioritize the use of social media genres such as: memes and Instagram posts, as these are genres that, in addition to portraying the way we use language in our daily lives, are also deeply known by students.

Keywords: syntax; subject; teaching; grammar; systemic-functional

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Processo material	25
Figura 2 - Processo material	26
Figura 3 - Processo mental	27
Figura 4 - Processo relacional	29
Figura 5 - Processo relacional	30
Figura 6 - Processo relacional	31
Figura 7 - Processo existencial.....	32

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	JUSTIFICATIVA	10
3	OBJETIVOS.....	12
3.1	Gerais	12
3.2	Específicos	12
4	O SUJEITO SOB A ÓTICA DA GRAMÁTICA TRADICIONAL (CUNHA; CINTRA, 1985).....	13
5	LIMITES DA ANÁLISE TRADICIONAL	15
6	O SUJEITO NA BNCC (BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR) E NO LIVRO DIDÁTICO	18
7	A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL E A GRAMÁTICA SISTÊMICO- FUNCIONAL.....	20
8	METAFUNÇÃO IDEACIONAL - SISTEMA DE TRANSITIVIDADE	22
9	O SUJEITO PELA ÓTICA DA GRAMÁTICA SISTÊMICO FUNCIONAL ...	24
10	ANÁLISE DO CORPUS	25
10.1	sujeito nos processos materiais	25
10.2	O sujeito nos processos mentais	27
10.3	O sujeito nos processos relacionais.....	28
10.3.1	Orações intensivas	28
10.3.2	Orações possessivas.....	30
10.3.3	Orações circunstanciais.....	30
10.4	O sujeito nos processos existenciais	31
11	EM QUE A GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL PODE CONTRIBUIR PARA O ENSINO DOS SUJEITOS NO ENSINO FUNDAMENTAL?..	33
12	CONCLUSÃO	34
13	REFERÊNCIAS:	36

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que com o avanço das tecnologias digitais, as mídias sociais vêm ganhando cada vez mais espaço na vida das crianças e jovens em idade escolar. Com isso, os meios de leitura tradicionais vêm perdendo espaço. Jornais, revistas e livros estão sendo substituídos por suas versões on-line. Com o contexto da pandemia, esse problema se acentuou ainda mais. Os textos propostos para análise gramatical vêm se tornando cada vez mais distantes do universo dos jovens, que além de enxergarem as normas gramaticais como algo irrelevante, ainda precisam ler textos longínquos de suas vivências sociais. Nesse aspecto, é notório que para eles não faz o menor sentido aprender tantas normas gramaticais, uma vez que consideram que não precisam delas para se comunicarem em suas redes sociais. Em vista disso, as aulas de língua portuguesa nem sempre são atrativas para esses jovens. Com o intuito de aproximar o ensino de gramática ao universo virtual que permeia o cotidiano dos educandos, intencionamos, através desta pesquisa, fazer uma abordagem mais ampla sobre o sujeito com a intenção de estimular uma abordagem de ensino que de fato leve os discentes a uma reflexão sobre a linguagem.

O papel do professor de língua portuguesa frente à diversidade linguística presente nas redes sociais é um tema atual e muito relevante para o ensino da língua portuguesa, principalmente na contemporaneidade, no qual o espaço de aprendizagem passou a incluir o ambiente virtual que pode ser acessado por meio de simples toque nos dispositivos eletrônicos, havendo uma fusão entre universos linguísticos concebidos como distantes. Nesse sentido, buscamos neste estudo examinar como o conceito de sujeito tem sido tratado no ensino de língua portuguesa, levando em conta as manifestações linguísticas colhidas no ambiente virtual e partindo também da concepção de que o texto é a unidade de análise linguística a ser considerada.

Além disso, como é sabido, os textos, de acordo com certo número de parâmetros, como a quem o texto se dirige, o objeto do texto, o ambiente de sua produção e outros, podem ser classificados em gêneros discursivos. Segundo o filósofo russo Mikhail Bakhtin (2006):

“Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. (...) O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais ou escritos) (...) esses enunciados refletem condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo de linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos, gramaticais da língua, mas acima de tudo, por sua construção composicional. (...) Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*” (p. 262)

Bakhtin salienta ainda que, dentre a heterogeneidade dos gêneros, incluem-se gêneros que manifestam as formas linguísticas dos diálogos cotidianos, o que nos leva à constatação de que recursos característicos encontrados na fala podem ser posteriormente replicados em textos escritos.

Tomamos por base aqui a perspectiva funcional da gramática (Halliday; Matthiessen, 2004), que embora não seja diretamente aplicada ao ensino da escola básica, pode servir de aporte para o ensino dos tipos de sujeito no ensino fundamental.

Assumiremos como ponto de partida a abordagem do sujeito pela ótica da gramática normativa, tendo como base Cunha; Cintra (2007). Faremos também uma análise dos limites encontrados e analisados na gramática tradicional, estudados por autores como Perini (2004). Em seguida, será evidenciada a maneira como o sujeito é tratado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e por alguns livros didáticos. Por fim, analisaremos o sujeito em alguns textos sob a ótica da LSF, baseando-se nos estudos de Halliday (2004), Gouveia (2009), Fuzer; Cabral (2014), entre outros autores.

2 JUSTIFICATIVA

Para os jovens em idade escolar, existe um grande abismo entre a língua que eles utilizam para conversar nas redes sociais e a língua portuguesa que se aprende na escola. Desse modo, em nossa experiência docente, encontramos dificuldades para transmitir alguns conteúdos da gramática da língua portuguesa, sobretudo, porque os alunos não compreendem como a gramática normativa pode ser aplicada na realidade comunicacional imediata deles. Considerando que os estudantes não fazem uso da língua para fins formais, para eles, a aprendizagem da gramática mostra-se inoportuna, diante do imediatismo do conhecimento apenas para fins comunicativos, visto que enfatizam que a linguagem que eles dominam é plenamente satisfatória para se comunicarem pelas redes sociais, que se tornou o contexto interativo mais relevante ou, até mesmo, o mais frequente. Desse modo, a manifestação de propriedades da língua falada por parte dos alunos na sua linguagem escrita, por meio das redes sociais, revela que, na concepção dos alunos: “a escrita tem sido vista como estrutura complexa, formal e abstrata, enquanto a fala, de estrutura simples ou desestruturada, informal, concreta e dependente do contexto” (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2009, p. 9).

Por isso, oportunizar a aprendizagem através das mídias sociais é uma estratégia de ensino em que o contexto digital poderá ressignificar o ensino de língua portuguesa, sobretudo porque, conforme Luft (1985), “todo falante nativo entende sua língua materna e é sobre essa base que o professor deverá construir no âmbito escolar, procurando descobrir que tipo de gramática o aluno traz interiorizado”.

Imersos na cultura digital, a barra de rolagem de uma rede social parece ser, muitas vezes, o universo que move as leituras dos alunos, repletas de imagens e fotos que permitem inúmeras interpretações, por meio de textos multimodais. Dessa forma, as plataformas digitais podem ser utilizadas como um recurso de ensino, pois os estudantes estão, a todo momento, lendo e produzindo textos em postagens e mensagens instantâneas. No entanto, cabe enfatizar que esse estudo não pretende apontar um caminho já consolidado de ensino, mas sim provocar reflexões e apresentar propostas de como o docente pode buscar formas de articular e equilibrar o ensino de língua portuguesa e a utilização da língua nas redes sociais. A proposta do presente estudo não é a ruptura com o ensino de língua portuguesa

tal qual preconizado pelos documentos oficiais, mas sim a proposta de um novo olhar sobre o mesmo objeto de estudo; particularmente, apontar direções por meio das quais a noção de sujeito pode ser definida e explorada com base nos textos multimodais. Assim, defendemos que a gramática deve ser trabalhada para que os alunos conheçam as regras e normas que regem a língua, contudo de maneira atualizada e satisfazendo as suas demandas.

Encontramos na linguística sistêmico-funcional (Halliday; Matthiessen, 2004) o aporte para se trabalhar com textos e, ao mesmo tempo, analisar como os sistemas linguísticos se comportam para exprimir os significados por meio de palavras e orações.

3 OBJETIVOS

3.1 Gerais

Os objetivos do presente trabalho é contribuir para um ensino amplo sobre o conceito de sujeito que privilegie o ensino reflexivo dos conceitos gramaticais, utilizando-se de textos que fazem parte do universo dos alunos, usando assim de canal para o aprendizado e reflexão acerca da língua portuguesa.

3.2 Específicos

Proporcionar ao aluno conhecimento das normas que regem a língua portuguesa de maneira que eles entendam os mecanismos de funcionamento da língua, objetivando não só o aprendizado das terminologias, mas também dos fenômenos linguísticos que constituem a língua portuguesa.

Levar os alunos à compreensão de que cada gênero textual carrega peculiaridades linguísticas e que por isso é preciso conhecer como se dão os processos de adequação nos diferentes gêneros textuais, para que os alunos desenvolvam a consciência de que, diariamente, utilizamos essas duas modalidades da língua (fala e escrita) a fim de alcançar determinados objetivos comunicacionais.

Aprimorar a prática docente ampliando a maneira de como o assunto sobre sujeito é abordado, buscando sanar possíveis dúvidas dos alunos nos casos em que a gramática tradicional não apresenta justificativas satisfatórias.

Refletir sobre a língua materna visando mostrar ao aluno que as regras gramaticais são importantes, contudo, elas não dão conta de toda diversidade linguística que se manifesta na língua.

4 O SUJEITO SOB A ÓTICA DA GRAMÁTICA TRADICIONAL (CUNHA; CINTRA, 1985)

Na obra de Cunha; Cintra (2017, p. 136), o sujeito é apresentado como termo essencial da oração e definido como o ser sobre o qual se faz uma declaração. Os autores ainda explicam que nem sempre o sujeito aparece materialmente expresso e que poderá ser notado por meio da desinência verbal.

Além do sintagma nominal, que é uma unidade linguística cujo núcleo é um substantivo, o sujeito também pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou uma oração substantiva subjetiva. Os autores fazem a classificação dos sujeitos, baseando-se no critério morfológico da oração.

Vejamos as definições e exemplos retirados da obra analisada:

Sujeito simples (Cunha; Cintra 2017, p. 140) é quando o sujeito apresenta apenas um núcleo, ou seja, apenas um substantivo, um numeral, uma oração substantiva.

Matilde entendia disso. (A. Bessa Luís, OM, 170.)

Já o sujeito composto é formado por mais de um núcleo, ou seja, mais de um substantivo, um numeral, uma oração substantiva.

As vozes e os passos aproximam-se. (M. da Fonseca, SV, 248.)

O sujeito oculto é aquele que pode ser identificado por meio de desinência verbal, pois está elíptico na oração.

Ficamos um bocado sem falar. (L. B. Honwana, NMCT, 10.)

O sujeito indeterminado refere-se a uma pessoa a qual se desconhece, ou que não é pertinente citar o nome do executor de uma ação. Faz-se a indeterminação do sujeito:

a) Com o verbo na 3.^a pessoa do plural.

“**Contaram-me**, quando eu era pequenina, a história duns náufragos, como nós.” (A. Ribeiro, SBAM, 265.)

b) na 3.^a pessoa do singular mais pronome se.

“Ainda **se vivia** num mundo de certezas.” (A. Bessa Luís, OM, 296.)

Por fim, os autores abordam a oração sem sujeito, a qual não é atribuído a ela nenhum ser que a execute; diz-se que o verbo é impessoal. Os principais casos em que aparece o sujeito inexistente são:

a) verbos que indicam fenômenos da natureza;

“**Anoitecia** e tinham acabado de jantar.” (É. Veríssimo, IS, 147.)

b) Verbo haver com sentido de existir;

“Na sala **havia** ainda três quadros do pintor.” (R Namora, DT, 206.)

c) Verbos haver, fazer e ir com sentido de tempo transcorrido;

“**Faz** hoje oito dias que comecei.” (A. Abelaira, B, 133.)

d) verbo ser indicando tempo em geral.

“**Era** inverno na certa no alto sertão.” (J. Lins do Rego, ME, 57.)

Os autores também apontam para algumas das interpretações que podemos atribuir ao sujeito ligadas à natureza do processo verbal. É o que, na terminologia contemporânea, é chamado de papéis temáticos. Nos verbos de ação, o sujeito é agente quando executa a ação verbal, paciente quando sofre a ação ou ainda ser o agente e paciente simultaneamente, ou seja, executar e receber a ação ao mesmo tempo. Com os verbos que indicam estado, o sujeito não é agente e nem paciente, “mas a sede do processo verbal, o lugar onde ele se desenvolve.” Cunha & Lindley Cintra (2017, p. 146).

Trata-se então de uma ocorrência em que não há sujeito, embora se tome algo, isto é, “São Paulo” para se fazer uma declaração a respeito em flagrante desrespeito ao critério proposto.

Na oração (1b), em que a preposição é apagada, “São Paulo” poderia ser o termo sobre o qual se faz uma declaração, mas como dissemos, valem outras informações que definem essa ocorrência como de sujeito inexistente.

Há ainda outros critérios para definição de sujeito, utilizados em manuais tradicionais, que enfrentam dificuldades. O critério segundo o qual o sujeito é agente ou paciente da ação verbal é também muito empregado na literatura gramatical tradicional.

Na nova gramática do português contemporâneo, os autores apresentam o conceito de agente da passiva (Cunha; Cintra, 2017, p.161), definido como: “o ser que pratica a ação sofrida ou recebida pelo sujeito. Este complemento verbal — normalmente introduzido pela preposição *por* (*ou per*) e, algumas vezes, por *de* (...)”.

O agente da passiva pode ser representado por substantivos, palavras substantivadas, pronome, numeral, oração substantiva.

Vejamos um exemplo usado pelos autores referidos:— Esta carta foi escrita **por um marinheiro americano**. (F. Namora, DT, 120.)

Notamos nesse exemplo que o termo “Esta carta” é o elemento sobre o qual se faz uma declaração, portanto, segundo a definição de sujeito da GT, se encaixa neste exemplo. Contudo, na outra definição de sujeito, muito difundida no meio acadêmico, ou seja, o ser que pratica uma ação, não condiz com esse exemplo.

No exemplo analisado, o praticante da ação de escrever é o marinheiro americano, portanto, é ele que seria o agente da ação.

Vejamos mais alguns exemplos de sujeito paciente e agente.

(2) a. **João** matou a barata.

b. A barata foi morta **por João**.

Nessas ocorrências, o sujeito “João” de (2a) é o ser que praticou uma ação, interpretado então como agente; em (2b), “a barata”, de acordo com nomenclatura tradicional, é chamada de sujeito paciente; pois se leva em conta o fato de “a barata” aparecer em primeira posição na oração e concordar com o verbo;

a nomenclatura reserva o nome de sujeito paciente para esses casos. Retomaremos o conceito de agente e agente paciente quando abordarmos o sujeito sob a ótica funcionalista.

No entanto, observem-se as ocorrências seguintes

- (3) a. **O vento** fechou a porta.
- b. **A chavinha** abriu o portão.
- c. **Manuel** tem olhos castanhos.

Segundo a GT, consideramos os sintagmas “O vento”, “A chavinha” e “Manuel” como sujeitos das orações acima, pois segundo um dos critérios propostos para identificação do sujeito é considerar que se trata do termo com o qual o verbo concorda. Contudo, em nenhuma das três ocorrências, o sujeito pode ser interpretado como agente ou paciente: em (3a), sendo “o vento” é um ser inanimado, não é adequado considerá-lo como agente uma vez que apenas quando a propriedade de intencionalidade ou não intencionalidade é implementada que podemos cogitar tratar-se de agente; nesse caso, o vento é mais bem interpretado como “causador”; em (3b), embora saibamos que “a chavinha” não possa abrir o portão sozinha, no limite da análise sintática na órbita da oração, “a chavinha” é o sujeito, mas no âmbito da significação, ela é interpretada como instrumento e não agente; por fim, “Manuel” também não é agente, mas sim “possuidor”, de posse inalienável, no exemplo (3c).

Os exemplos comentados ilustram as insuficiências o tratamento da função sujeito na tradição gramatical. Vejamos na sequência como o nosso tema é tratado na BNCC (Base Nacional Comum Curricular 2018).

6 O SUJEITO NA BNCC (BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR) E NO LIVRO DIDÁTICO

Segundo a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), o ensino do conceito sobre sujeito da oração deve ser ministrado aos alunos, gradativamente, conforme os anos escolares da seguinte maneira: o início deve se dar a partir do 5º ano do ensino fundamental, com o foco na concordância dos verbos; no 6º ano, deve-se apresentar a conceituação de sujeito simples e composto; no 7º ano, é o momento de ensinar a noção de sintagmas nominais com função de sujeito; no 8º ano, apresentar a conceituação do sujeito com base em critério semântico e a concepção de agente da passiva. Por fim, no 9º ano, há um alargamento do conceito de sujeito para o sujeito oracional.

A partir de 2019, as editoras tiveram, assim, que implementar as normas da BNCC nos livros didáticos das escolas públicas e privadas. Isso acarretou mudanças na maneira de abordá-lo. Contudo, mesmo com algumas mudanças mais superficiais, ainda podemos perceber que as definições utilizadas, com base na teoria tradicional, são replicadas por muitos autores em livros didáticos, sem um aprofundamento teórico.

A fim de confirmar o que acabamos de dizer, comentaremos, a seguir, duas propostas de definição de sujeitos voltadas para o ensino fundamental II: Sistema PH de ensino e Sistema AZ, ambos do 7º ano.

No livro do sistema AZ de ensino (p. 171), “O sujeito é o termo da oração a quem o verbo se refere.” Essa função pode ser exercida por diversas classes de palavras...”. Já no livro do sistema PH (p. 69), O sujeito é o termo com o qual o verbo concorda. Normalmente, ele se posiciona antes do verbo, mas isso não é uma regra.”. Podemos notar que as definições adotadas pelos livros didáticos reproduzem as definições apregoadas pela gramática tradicional. E todas, como vimos, apresentam seus limites.

Depois de uma definição morfossintática do termo sujeito, baseada no critério formal da concordância verbal e da definição, aparentemente de natureza semântica, a depender de ser explicitada a expressão “... a quem o verbo se refere”, ambos os livros oferecem exercícios voltados para a classificação dos sujeitos e também exercícios de interpretação de textos voltados exclusivamente para as

questões relacionadas ao conteúdo do texto e não para as motivações discursivas das escolhas dos tipos de sujeito.

Podemos notar que nos exemplos trabalhados nos livros, o conceito de sujeito não é abordado em seus usos reais, ou seja, na comunicação ou na relação dialógica. Esse afastamento da comunicação real acaba por afastar o interesse dos alunos pela matéria, visto que eles enxergam essas regras e conceituações como algo distante da realidade linguística que eles utilizam e não conseguem construir um conhecimento explícito acerca as estruturas linguísticas que utilizam.

Para que os alunos consigam perceber que a gramaticalização da língua está presente no seu dia a dia, propomos uma análise linguística dos tipos de sujeitos pautada no uso e por isso, escolhemos a linguística sistêmico-funcional, pois ela nos oferece subsídios para a análise de textos compartilhados em mídias sociais, tais como: Instagram, Facebook, Bloggers.

Vejamos a seguir a definição da teoria a qual adotaremos para a análise do corpus.

7 A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL E A GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

A linguística sistêmico-Funcional (doravante LSF) é uma teoria de base descritiva que compreende a língua a partir de situações de usos contextuais. Ela foi desenvolvida pelo linguista britânico Michael Halliday na década de 60. Já a gramática sistêmico-funcional (doravante GSF) oferece técnicas e métodos utilizados para elaborar análises linguísticas. A LSF compreende a língua como sistemas de escolhas que estão ligados às funções, às quais Halliday chamou de metafunções.

A LSF oferece técnicas que vão além das regras estipuladas pela GT, pois ela nos oferece mecanismos para analisar a língua em uso, e é por esse motivo que escolhemos essa teoria para a análise dos sujeitos. Com as ferramentas que LSF oferece, poderemos analisar os textos encontrados nas mídias sociais que, além de conterem a gramática de uso, também são textos nos quais os estudantes têm intimidade.

Vejamos, de forma resumida, a citação seguinte que resume o que acreditamos:

“Nós usamos a linguagem para interagir com o outro, para construir e manter nossas relações interpessoais e a ordem social em que elas ocorrem; fazendo isso, nós interpretamos e representamos o mundo do outro e de nós mesmos.” (Halliday e Matthiessen, *apud* Souza, 2006, p.41)

Assim, segundo a LSF, a gramática é uma ferramenta utilizada para construir nossas experiências e o que acontece no mundo ao nosso redor, por isso, a escolha dos *memes* e mensagens da internet como gênero para a uma análise linguística, pois é por meio desse espelhamento de interesses é que pretendemos chamar a atenção dos alunos para a gramática.

Contudo, não queremos simplesmente ensinar regras abstratas que não retratam a realidade linguística dos alunos; queremos ensinar gramática da maneira como explicitou a professora Vânia Dutra: “[...] estudar gramática na educação básica é refletir sobre as escolhas possíveis na língua portuguesa, considerando as formas lexicogramaticais em função de seus efeitos de sentido em contexto” (Dutra, 2010, p.6).

Segundo a teoria desenvolvida por Halliday, a linguagem serve para refletir as experiências por meio de palavras para fins comunicativos com o intuito de sustentarmos as relações interpessoais; e para organizar as diversas possibilidades construtivas linguísticas a fim explicitar significados conforme o objetivo comunicacional. A essas funcionalidades, Halliday chamou de metafunções. Elas formam os propósitos das línguas e atuam diretamente para a formação dos significados, são elas respectivamente: ideacional, interpessoal e textual.

A metafunção ideacional trata da representação das experiências, é a língua sendo utilizada para representar as experiências externas e internas. Os termos se organizam e atuam para contribuir com os significados, sendo que essa metafunção é subdividida em duas: experiencial e lógica.

A função experiencial serve para refletir a realidade do mundo, fazer um retrato da realidade mediante palavras, a sua unidade de análise é a oração. Já a maneira como as palavras e as orações são organizadas é analisada pela função lógica, cuja unidade de análise é o complexo oracional. Trataremos adiante mais profundamente essa metafunção.

Na metafunção interpessoal, o texto não só manifesta a realidade, mas também a interação social, na qual se estabelece troca entre os sujeitos. Essa metafunção é manifesta pelo sistema de modo, que é recurso usado para indicar interação no diálogo. As orações podem apresentar as seguintes intenções comunicativas representadas pelo sistema de modo. Para indicar perguntas (modo interrogativo); indicar declarações (modo indicativo); podem indicar ordem ou pedido (modo imperativo). Não nos aprofundaremos nesta metafunção, porque não é o foco de análise para este trabalho.

A metafunção textual trata da organização do texto, do fluxo de informações novas e informações compartilhadas pelos interlocutores. Essa metafunção é organizada pelo sistema tema e rema, em que o tema é o elemento colocado na posição inicial, é o ponto de partida da mensagem; já o rema, é o restante da mensagem, é onde a oração é desenvolvida. Assim como na metafunção interpessoal, não iremos nos aprofundar nesta metafunção, pois não é o objetivo para este trabalho analisar o modo de organização textual.

Um dos aspectos cruciais na GSF é que ela analisa as estruturas sintáticas a partir de textos e não de frases soltas, por isso, na GSF, acontece uma análise mais ampla da ambientação linguística em que se inserem as orações.

8 METAFUNÇÃO IDEACIONAL - SISTEMA DE TRANSITIVIDADE

Para este trabalho, iremos tratar isoladamente a metafunção ideacional, contudo, sabemos que, na LSF, essas metafunções agem simultaneamente. Portanto, a partir deste tópico, focaremos as noções pertinentes à metafunção ideacional, a qual é responsável por tratar dos termos que compõem a oração.

Na GSF, é impossível tratar do sujeito como um termo isolado, pois, segundo essa teoria, o sujeito, bem como os outros termos da oração, são motivados pela escolha do verbo, estão todos interligados por um sistema chamado de transitividade. Na perspectiva da GSF, o sistema de transitividade é um recurso léxico-gramatical usado para representar a realidade interna e externa dos sujeitos por meio de fraseados, que são as unidades linguísticas dotadas de significados e que juntas formam o que conhecemos por textos. Portanto, ao abordar o sujeito das orações, teremos que levar em consideração a natureza do verbo que o acompanha, o que faz muito sentido, pois até na GT, embora não seja uma regra explícita, temos que analisar o verbo para então classificar o sujeito.

O sistema de transitividade tem o verbo como peça central na formação dos fraseados e é a partir dele que o indivíduo faz as suas escolhas linguísticas, levando-se em conta o eixo paradigmático da língua, ou seja, as possibilidades que o sistema lexical oferece. O sistema de transitividade é composto por processos, participantes e eventualmente circunstâncias; esses componentes juntos formam o que Halliday chama de figuras, ou seja, é o que a gramática tradicional chama de orações.

Os processos são materializados pelos grupos verbais e os participantes pelos grupos nominais, que são as pessoas e entidades, as quais são afetadas ou afetam os processos; na gramática tradicional, os participantes equivalem ao sujeito e aos complementos; as circunstâncias são constituídas pelos grupos adverbiais.

Segundo a LSF, essas escolhas são motivadas por diversos fatores, os quais não são pertinentes para este estudo. Em linhas gerais, podemos dizer que o sistema de transitividade é responsável por expressar ações, características, estados de alguma entidade em alguma circunstância.

Na GSF, os verbos são classificados pelo tipo de processos que significam, a escolha de determinado processo implicará no tipo de sujeito e nos complementos que serão selecionados; tais elementos na GSF são denominados de

participantes, cuja classificação dependerá do tipo de processo. Assim, a depender do tipo de processo que o indivíduo escolha, o tipo de participante irá exercer uma função semântica específica e com isso receberá uma classificação conforme o tipo de processo. Em outros termos, o tipo de processo determinará os tipos de participantes envolvidos no sistema de transitividade, sendo que um deles é o sujeito. Portanto, um desses participantes é o que exerce a função de sujeito, a qual nos debruçaremos neste estudo.

9 O SUJEITO PELA ÓTICA DA GRAMÁTICA SISTÊMICO FUNCIONAL

Segundo Halliday, existem essencialmente três maneiras de se enxergar o sujeito. São eles: o sujeito psicológico, que aparece na posição de tema e seria o objeto principal da mensagem; o sujeito gramatical, sendo o termo com o qual o verbo concorda e, por fim, o sujeito lógico, que é de fato aquele que exerce a ação, isto é, o agente da ação. Poderíamos, portanto, aproximar a definição de sujeito da GT ao que Halliday definiu como sujeito psicológico, ou seja, o ser ou o termo sobre o qual se faz uma declaração. Sabemos que o tema é o elemento colocado na posição inicial da oração, sendo, portanto, aquilo a que o autor pretende dar destaque. Como dito antes, o sujeito para Halliday é chamado de participante. Temos então que, na perspectiva de Halliday, o sujeito está ligado ao significado e não simplesmente pela posição em que o termo se encontra e nem pela função sintática que ele desempenha. Em algumas situações, pode coincidir com o sujeito psicológico ou mesmo com o sujeito lógico.

É importante frisar mais uma vez que, independentemente da forma de participação dos sujeitos, eles não ocorrem isolados, estando sempre associados a uma estrutura maior, cujo termo principal é o verbo. Portanto, para este estudo, teremos que analisar os processos linguísticos mais amplos para então analisar os tipos de sujeitos.

São seis os tipos de processos, conforme o valor semântico que assumem no contexto: materiais (do âmbito do fazer e do acontecer), mentais (do âmbito da consciência), relacionais (do âmbito do ser e estar), verbais (do âmbito do dizer), existenciais (do âmbito do existir) e comportamentais (do âmbito fisiológico e psicológico). Cada tipo de processo codifica seus participantes que, em síntese, assumem a posição sintática de sujeito e, semanticamente, se comportam como Ator, Beneficiário, Experienciador, Portador, Característica, Dizente, Comportante e Existente. Trata-se, assim, da noção de papéis temáticos, proposta por Gruber (1965), que é também utilizada em outros campos teóricos, como o da Gramática Gerativa.

Nos termos do professor Lorenzo Vitral: “Os papéis temáticos representam, portanto, não o que ocorre de fato, mas sim como concebemos mentalmente o que ocorre no mundo.” (Vital, 2017, p. 263)

Para o presente estudo, analisaremos apenas os sujeitos nos processos materiais, mentais e relacionais.

10 ANÁLISE DO CORPUS

10.1 sujeito nos processos materiais

Os processos materiais estão ligados ao campo do “fazer e acontecer”, pois provocam mudanças concretas por meio de algum esforço de uma entidade chamada Ator. Nesse tipo de processo, o que se explicita são os acontecimentos ou eventos das experiências que provocam mudanças externas perceptíveis ao longo de determinado tempo.

O processo material ocorre por meio de um esforço feito por um participante chamado Ator, e é ele que pratica a ação, ou seja, ele tem a função de sujeito lógico da oração. No desenrolar desse processo, podem acontecer mudanças em relação a outro participante, chamado de Meta, que nos termos da GT seria o complemento verbal, o que poderá provocar alguma alteração na interpretação do processo capitaneado pelo verbo. Veja-se o exemplo seguinte:

Figura 1 - Processo material



Fonte: site tá ficando doído

Disponível em: <<https://acesse.dev/mrtTv>> acesso em 13/09/2023

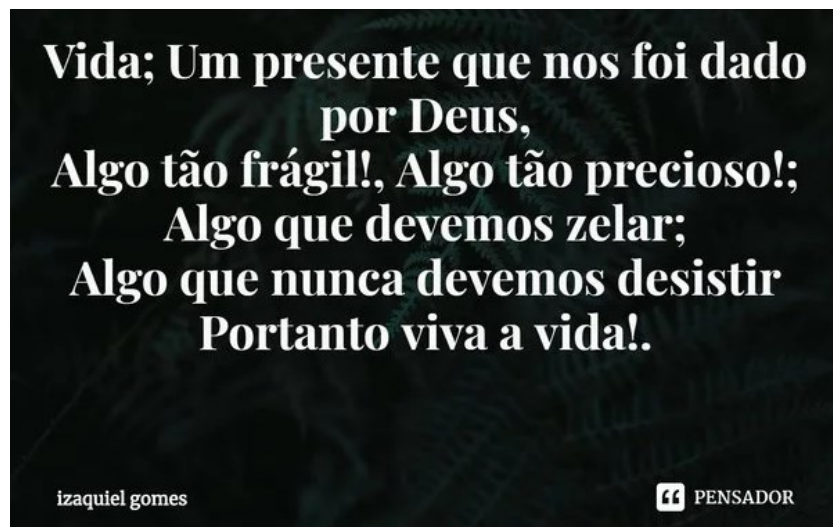
Analisando o sujeito da oração: Ninguém manda em mim.

O verbo “mandar” caracteriza um processo material, pois está no campo do fazer. Temos aqui dois participantes: um ator, que exerce a ação de mandar, materializado pelo pronome indefinido “ninguém”.

Nesta oração, o sujeito gramatical coincide com o sujeito psicológico, pois além de encabeçar a oração, ele também concorda com o verbo. Quando isso acontece, Halliday diz que temos um tema não marcado, ou seja, a oração apresenta ordem direta (Sujeito + verbo + complemento) e, na perspectiva da LSF (que pode incluir participante + processo + circunstância), não há circunstância no exemplo analisado.

Observe-se agora o exemplo seguinte:

Figura 2 - Processo material



Fonte: site O pensador

Disponível em: < <https://encr.pw/MP23N> > acesso em 13/09/2023

Analisando o sujeito da oração: Vida; um presente que nos foi dado por Deus.

Neste texto, propõe-se uma análise bem diferente daquelas normalmente consideradas na literatura tradicional. Aqui, o sujeito que pratica a ação do processo ‘dar’ é o ator ‘Deus’, ou seja, é o sujeito lógico da oração. Um presente seria classificado como o participante Meta. Quem exerceu a ação de dar o presente? Deus. Portanto, é o ator do processo. Na tradição gramatical, diríamos que “Deus” é o agente da passiva.

Neste exemplo, fica evidente que a definição de sujeito da tradição gramatical não coincide com o que propomos acima. O professor de língua portuguesa pode explorar os casos de orações na voz passiva para evidenciar a diferença entre sujeito gramatical e sujeito lógico. Aqui, temos uma inversão dos elementos da oração (complemento + verbo + sujeito lógico), é o que Halliday chama de tema marcado. O complemento “vida” é o termo a qual se faz uma declaração, mas não podemos dizer que ele é o sujeito nos termos da GT. A ideia é mostrar para os alunos que quando um autor opta por destacar um termo que não é o sujeito, ou seja, retirar os termos da ordem direta, ele está sinalizando que aquele termo é importante da mensagem; é o assunto sobre o qual algo será declarado; neste caso, o que se quer destacar é o elemento dado, ou seja, “vida”, e não quem está dando, “Deus”. Há ainda a possibilidade de analisarmos “um presente” como um predicativo de vida, o que implica uma estrutura subjacente do tipo de: “vida é um presente”.

10.2 O sujeito nos processos mentais

No processo mental, o sujeito será aquele que experimenta o mundo. Orações mentais se referem à experiência do mundo e servem para indicar afeição, cognição, percepção, desejo. Elas mudam a percepção que se tem da realidade, constroem um fluxo de consciência do escritor ou falante. É importante destacar que os participantes são humanos ou entidades humanizadas. Neste tipo de oração, temos um sujeito interpretado como experienciador e um participante, chamado de fenômeno, sendo um fato percebido ou sentido.

Veja-se o exemplo:

Figura 3 - Processo mental

Minha amiga e eu quando vemos a pessoa que não gostamos.



Fonte: Site Só coisas legais

Disponível em: < <https://encr.pw/VUSvc> > acesso em 13/09/2023

Analisando o sujeito da oração: Minha amiga e eu quando **vemos a pessoa que não **gostamos**.**

Nos termos da LSF, o sujeito aqui é um experienciador, pois se trata de dois participantes humanos experimentando o processo mental de ver, de experienciar o mundo por meio da percepção.

Analisando o verbo “vemos”, observamos que o sujeito psicológico coincide com o sujeito gramatical, percebe-se que a oração está na ordem direta, portanto, o autor optou por não marcar o tema. Podemos dizer que o sujeito composto “Minha amiga e eu” é o termo sobre o qual se declara algo e também é aquele que experimenta o mundo por meio de sua capacidade perceptiva.

10.3 O sujeito nos processos relacionais

Os processos relacionais servem para fazer relação entre duas entidades, ou seja, caracterizar, relacionar ou mesmo definir um participante X por meio de um estado ou característica Y. Portanto, neste tipo de processo, teremos sempre dois participantes envolvidos.

Halliday classificou os processos relacionais em três tipos de orações: intensivas, possessivas e circunstanciais.

10.3.1 Orações intensivas

É quando o processo aponta para uma característica ou estado do sujeito. Geralmente, esse tipo de oração é caracterizado pelos verbos “ser” e “estar”. Neste tipo de oração, o sujeito é chamado de portador e a característica para qual o verbo aponta é chamada de atributo.

Vejamos um exemplo.

Figura 4 - Processo relacional

quando você tá bravo mas não quer
largar a pessoa



Fonte: Página Signos da zueira

Disponível em: <<https://acesse.dev/9mX3V>> acesso em 13/09/2023
<https://11nk.dev/Vx2q9>

Analisando o sujeito da oração: Quando você está bravo, mas não quer largar a pessoa.

Na oração “Quando você está bravo”, temos um processo relacional, pois está construindo uma relação entre um portador “você” a um atributo “bravo”. Observe que, nessa construção, temos uma oração relacional intensiva atributiva, visto que a construção que se faz é a de atribuir uma característica a uma entidade. Nos termos da LSF, temos um sujeito portador, ou seja, é um sujeito que recebe um atributo.

O sujeito aqui é, ao mesmo tempo, gramatical e lógico, pois além de concordar com o verbo, também é o ser que exerce o estado de estar, contudo, não é o sujeito psicológico, pois não está na posição tema.

O tema está sendo ocupado por um advérbio de tempo. Podemos dizer então, que o processo da oração relacional está subordinado a uma circunstância de tempo, é a ele que o autor quer dar ênfase na mensagem. Percebemos, portanto, que o termo pelo qual se declara algo, perpassa por um determinado tempo.

Nesse exemplo, não se encaixa a definição de que o sujeito é aquele que pratica uma ação, o sujeito aqui, é aquele que porta algum atributo ou estado.

10.3.2 Orações possessivas

É quando se tem uma relação de posse entre o portador e o atributo. Nas orações possessivas, temos um possuidor e a coisa possuída. Vamos analisar o seguinte exemplo: Exemplo: Esse aqui é o meu marido. O pronome “esse” representa o ser possuído e o pronome “meu” exerce o papel de possuidor.

Figura 5 - Processo relacional



Fonte: CapCut

Disponível em: <<https://1nk.dev/Vx2q9>> acesso em 13/09/2023

10.3.3 Orações circunstanciais

É quando uma circunstância está atrelada a algum atributo. Neste tipo de oração, a relação entre dois termos é de tempo, lugar, modo, causa, assunto, ângulo. (Fuzer e Cabral, 2014, p. 66).

Veamos o seguinte exemplo: “... a festa de Natal será na minha casa.” O termo ‘a festa de Natal’ é chamado de portador, e ‘na minha casa’ é um atributo circunstancial de localização.

Figura 6 - Processo relacional

Quando eu lembro que
a festa de Natal será na
minha casa.



Fonte: Google

Disponível em: < <https://encr.pw/Tqjfe> > acesso em 13/09/2023

Nos três tipos de orações relacionais, podem ocorrer de dois modos: atributivo ou identificativo.

O processo atributivo constrói relações abstratas que atribuem características a uma classe. O sujeito é chamado de portador e a característica é chamada de atributo.

Já no processo identificativo, é construída uma identificação de uma entidade por meio de uma característica, função ou definição. Neste processo, a entidade que ocupa a função de sujeito é chamada de característica, sendo a entidade a ser definida, já o termo definidor é chamado de valor.

10.4 O sujeito nos processos existenciais

As orações existenciais são aquelas responsáveis por representar algo que existe ou acontece. Neste tipo de oração, não é apresentado um sujeito, o que existe é um termo chamado de 'existente', que pode ser representado por: uma pessoa, objeto, uma abstração, uma instituição ou mesmo uma ação, ou evento. (Fuzer e Cabral, 2014, p. 79). São orações tipicamente representadas pelos verbos haver (com sentido de existir), ocorrer, acontecer, entre outros.

Veja o exemplo: No interior do veículo havia **droga** embalada em fardos espalhados pelos bancos. (Fuzer e Cabral).

“No interior do veículo” é a circunstância de localização, “droga embalada” é o existente e em “em fardos espalhados pelos bancos” é a circunstância de modo.

Podemos notar que não há a presença de um termo que exerce a ação do verbo ou concorda com ele, por isso, trata-se de uma oração sem sujeito, nos termos da gramática tradicional.

Vejamos agora o exemplo analisado no item 5 deste trabalho.

a. Em São Paulo faz frio.

Analisamos esse exemplo sob a ótica da gramática tradicional e apontamos que as definições sobre o sujeito não se aplicam a todos os enunciados, ou seja, a definição de sujeito não dá conta da diversidade linguística.

Vejamos, portanto, um exemplo bastante semelhante ao exemplo analisado anteriormente, mas agora na perspectiva da gramática sistêmico-funcional.

Figura 7 - Processo existencial



Fonte: Google

Disponível em: < <https://l1nq.com/9y3qj>> acesso em 13/09/2023

Analisando o sujeito da oração: Quando no Rio faz frio.

Sabemos que o verbo *fazer* é um processo material, pois como vimos anteriormente, os processos materiais provocam mudanças concretas feitas por um ator em um participante chamado meta. Vejamos o exemplo: Ela fez um bolo. Temos um ator 'ela' que exerce uma ação no participante 'bolo'.

Temos aqui, um caso onde ocorre a fusão do processo material e do processo existencial. Esse tipo de oração se encontra no entremeio desses dois processos, relacionado a tempo meteorológico. Veja que podemos representar essa oração por meio de um processo relacional atributivo: quando no Rio é frio, contudo, nesse arranjo, mesmo utilizando um verbo tipicamente relacional intensivo, ainda assim, não teríamos a figura de um 'portador', mas sim, de um 'existente'.

Na oração: “quando no Rio faz frio”, temos um termo que denota abstração, chamado de existente e que está sendo representado pelo termo ‘frio’. Já o termo ‘no Rio’ é uma circunstância de localização.

Voltando a definição de sujeito por Cunha e Cintra: o sujeito é o ser sobre o qual se faz uma declaração. Podemos dizer que ‘quando no Rio’ é a circunstância de localização sobre a qual foi feita uma declaração, mas que isso não a caracteriza como sujeito.

11 EM QUE A GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL PODE CONTRIBUIR PARA O ENSINO DOS SUJEITOS NO ENSINO FUNDAMENTAL?

Na gramática tradicional, analisa-se o sujeito de maneira padrão para todos os tipos de oração. “O ser sobre o qual se declara algo” ou “O termo que concorda com o verbo”. Na GSF analisamos primeiramente a natureza do verbo, depois o contexto em que a oração está inserida e assim classificamos os sujeitos segundo o seu significado.

Vimos aqui que na GSF, se o sujeito provoca mudanças concretas, ele é um ator, pois ator é aquele que desempenha um papel ativo em algum acontecimento. Se o sujeito experimenta o mundo por meio de sua percepção, então esse sujeito é um experienciador, visto que ele não está praticando uma ação e sim experimentando o mundo. Quando o sujeito recebe alguma característica ou estado, ele é chamado de portador.

Analisar os sujeitos por meio dos papéis que eles desempenham dentro da oração, pode ajudar a ampliar o conceito de sujeito e propiciar maior entendimento sobre a língua e toda a sua diversidade.

12 CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, observamos que o sujeito é um conceito abstrato e que, por isso, gera dúvidas e questionamentos nos alunos do ensino fundamental, visto que eles ainda detêm imaturidade intelectual para compreender conceituações intangíveis. A contribuição deste trabalho é para que o professor de Português, ao abordar este tema em sala de aula, estimule nos alunos a percepção de as palavras representam o modo como nós retratamos o mundo (*Vitral, 2017, p. 263*) e esse conceito depende de uma série de fatores que vão além dos livros de gramáticas; por isso, também a ideia de se trabalhar com os textos das mídias sociais, pois, além retratarem a língua em uso, eles também são textos os quais os alunos já estão familiarizados e, portanto, dominam os mecanismos extralinguísticos que extrapolam a materialidade do texto.

Sugerimos que a abordagem do conceito de sujeito seja trabalhada em textos previamente conhecidos pelos alunos, com o intuito de promover a percepção de que tais textos, com os quais já estão familiarizados, obedecem igualmente a estruturas gramaticais predefinidas. Essa estratégia visa a facilitação e compreensão das normas gramaticais subjacentes aos textos cotidianos, proporcionando uma maior conscientização sobre a sua aplicação.

Sendo assim, este trabalho defendeu que se estude o sujeito, não de forma isolada, conforme frequentemente sugerido em manuais didáticos, ao invés disso, estude-se o sujeito de forma contextualizada, visando não apenas uma compreensão das classificações sintáticas, mas também uma percepção dos textos como sistemas interdependentes utilizados para atingir objetivos comunicativos específicos e que muitas vezes não se encaixam nas definições e regras estipuladas pela gramática tradicional. Além disso, sabemos que não nos comunicamos por meio de palavras soltas e sim por meio de textos.

Vejamos o que nos diz Marcuschi (2012) a respeito da concepção de comunicação:

[...] O falante se comunica através de textos e não de frases, não importando se essa comunicação se processa através de textos muito extensos (livros, artigos) ou de textos bem curtos (bilhete, participação de nascimentos, anúncio de classificados). (MARCUSCHI, 2012, p.12).

É muito importante fazer, primeiramente, o aluno entender o conceito de sujeito; construir uma base sólida já no quinto e sexto ano, para que, posteriormente,

quando ele se deparar com conceitos mais complexos, tais como os sujeitos oracionais ou mesmo a voz passiva, ele já tenha o aporte necessário para a compreensão desses conceitos.

Apesar dos problemas encontrados na abordagem do sujeito pela gramática tradicional e pelos livros didáticos, sabemos que ela deve ser o nosso fio condutor em sala de aula, portanto, a principal ideia neste trabalho foi propor uma análise ampliada do conceito de sujeito, usando os mecanismos oferecidos pela Gramática sistêmico-funcional, aliada à teoria gramatical.

Vimos que na GSF, o sujeito não é analisado isoladamente, mas sim levando-se em consideração o complexo oracional. Esse conceito pode agregar muito ao ensino do sujeito, pois, a partir dele, o aluno pode enxergar a língua como um sistema linguístico interligado, como bem apregoa a LSF.

Sendo assim, este estudo tem a pretensão de conduzir o aluno a um caminho reflexivo sobre o sujeito na língua portuguesa, para que eles compreendam que os fenômenos linguísticos estão em constantes mudanças e que, muitas vezes, os compêndios não conseguem acompanhar a dinamicidade da língua. E que, por esse motivo, por vezes, achamos que desconhecemos a nossa própria língua.

13 REFERÊNCIAS:

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*, 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. *Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 7a ed..2017.

DUTRA, Vania L. R. *Abordagem funcional da gramática na Escola Básica*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PROFESSORES DE LÍNGUAS OFICIAIS DO MERCOSUI, ISSN - 2236-3203, 2010, Foz do Iguaçu - Brasil.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. São Paulo: Mercado de Letras, 2014.

GRUBER, J. S. (1965). *Studies in Lexical Relations*. Tese de doutorado. MIT; reeditado como parte de *Lexical Structures in Syntax and Semantics*. Amsterdam: North Holland, 1976

HALLIDAY, M. A. K., & MATTHIESSEN, C. (2014). *Halliday's introduction to functional grammar*, 4th ed., London & New York: Routledge.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Linguística textual: o que é e como se faz*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

PERINI, M.A. *Para uma nova gramática do português*. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2004.

PH : 7º ano : ensino fundamental, anos finais : caderno 2 : Língua portuguesa : manual do professor / Raphael Hormes. — 2. ed. -- São Paulo : SOMOS Sistemas de Ensino, 2020.

SISTEMA AZ: 7º ano, anos finais: Volume A: Língua portuguesa

VITRAL, Lorenzo. *Gramática inteligente do português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2017.